

AVALIAÇÃO DO PERFIL EPIDEMIOLÓGICO E COMPORTAMENTAL DE ESTUDANTES DE ENSINO SUPERIOR EM CENTRO UNIVERSITÁRIO PRIVADO DE MARINGÁ EM RELAÇÃO À SEXUALIDADE E PRÁTICAS DE RISCO PARA DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

ASSESSMENT OF THE EPIDEMIOLOGICAL AND BEHAVIOR PROFILE OF HIGHER EDUCATION STUDENTS AT A PRIVATE UNIVERSITY CENTER IN MARINGÁ REGARDING SEXUALITY AND RISK PRACTICES FOR SEXUALLY TRANSMITTED DISEASES

MURILO MASANOBU TOMIYOSHI^{1*}, AGNALDO SÉRGIO VIVAN FILHO², FERNANDO GOULART FERNANDES DIAS³

1. Aluno do curso de graduação em Medicina do UNICESUMAR; 2. Aluno do curso de graduação em Medicina do UNICESUMAR; 3. Mestre em Cirurgia pela Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, Professor do curso de Medicina do UNICESUMAR.

* Rua Maringá, 638 – Apt 604-C – Jd. Aclimação – Maringá, Paraná, Brasil. CEP: 87050-740. murilo_tomiyoishi@hotmail.com

Recebido em 10/09/2015. Aceito para publicação em 17/12/2015

RESUMO

As doenças sexualmente transmissíveis (DST's) são motivo de preocupação na Saúde Pública. Estudos prévios apontam que grande parte dos adolescentes adotam práticas de risco, sendo a infecção pelo HPV comum em ambos os sexos. Este trabalho teve como objetivo avaliar, descrever e comparar o perfil epidemiológico, o grau de conhecimento, bem como práticas e comportamentos de risco frente à contaminação e transmissão de DST's pelos estudantes de Ensino Superior. Foi aplicado questionário fechado, de autopreenchimento a 188 estudantes, sendo excluídos do estudo 29, restando, portanto, 159 para análise. O preenchimento foi voluntário e anônimo, após aceitação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Nota-se relativa desproteção quanto às DST's, sendo que 85,8% dos entrevistados afirmam pelo menos uma relação sexual sem uso do preservativo, e 6,7% afirmam nunca tê-lo utilizado. A minoria dos estudantes (44,1%) reconheceu a verruga genital como principal sinal da infecção pelo HPV. Chama atenção o fato de 96,7% dos entrevistados afirmarem não possuir o HIV, enquanto apenas 36,5% já tenha realizado alguma vez exame de pesquisa do vírus e conclui-se serem necessárias ações de mudanças comportamentais, incentivando o uso de preservativo e divulgação dos sinais e sintomas das principais DST's, principalmente entre os jovens.

PALAVRAS-CHAVE: Doenças Sexualmente Transmissíveis. Educação Sexual. Epidemiologia. HPV. HIV.

ABSTRACT

Sexually transmitted diseases (STD's) are causes of concern in Public Health. Previous studies indicated that most teenagers adopt risky sexual practices, being the infection by Human Papilloma Virus (HPV) common in both sexes. This study aimed to evaluate, describe and compare the epidemiological profile, the degree of knowledge concerning STD and risky practices to STD's contamination and transmission of in Higher Education students. After the acceptance of Free and Clarified Consent Term, a self-assessment questionnaire was applied to 188 students, but 29 were excluded due to specific criteria, remaining 159 for study's analysis. It was found that 85.8% of students said that, at least, one sexual intercourse had happened without condom, and 6.7% claim to never have used it. Minority of students recognize genital wart as a HPV's symptomatology. Noteworthy was the fact that 96.7% of students claimed they did not have HIV, but only 36.5% claimed to have done HIV's exams at some point in their lives. Concluding it is necessary that actions in order to promote behavior changes, encouraging the use of condom and spreading the knowledge of signs and symptoms of the major STDs should be done especially among young people.

KEYWORDS: Sexually Transmitted Diseases. Sexual Education. Epidemiology. HPV. HIV.

1. INTRODUÇÃO

As Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST's) são conhecidas desde a antiguidade e, ainda hoje, representam um dos problemas de saúde mais comuns no mundo, situando-se entre as dez principais causas de procura por serviço de saúde, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS). No Brasil, não há informação sobre a prevalência de DST's entre adolescentes, sendo que as únicas DST's de notificação compulsória são a sífilis e Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS). Porém, estima-se que a cada ano aproximadamente quatro milhões de jovens tornam-se sexualmente ativos e que ocorram cerca de 12 milhões de DST's ao ano, sendo um terço dessas em indivíduos menores de 25 anos (SOUZA *et al.*, 2007).

O Papiloma Vírus Humano (HPV) representa, sem dúvida, uma das infecções mais comuns atingindo tanto homens quanto mulheres (BORSATTO; VIDAL; ROCHA, 2011). Estima-se que, no Brasil, haja cerca de 500 mil a 1 um milhão de casos novos por ano de infecção pelo HPV. Esse vírus é transmitido através do contato sexual, sua principal via de transmissão, mas também por via materno-fetal, nosocomial por fômites ou instrumentos ginecológicos não-esterilizados (BARBOSA *et al.*, 2006). Segundo Pinheiro *et al.* (2013), o HPV ocorre principalmente entre os jovens de 20 a 24 anos de idade, sendo a mudança de parceiros sexuais o principal fator de risco para sua aquisição. Possui papel fundamental na oncogênese em tumores ginecológicos, como, por exemplo, o de colo de útero, que corresponde à segunda causa mais frequente de câncer na mulher, excetuando-se o de pele não melanoma, e à quarta causa de morte por câncer na população feminina brasileira (BRASIL, 2010). Nos homens, de acordo com a OMS, parece estar ligado ao desenvolvimento de, no mínimo, 10 a 15% das neoplasias (PANOBIANCO *et al.*, 2013). Neste gênero, o HPV pode se manifestar nas formas clínicas, subclínicas e latente, sendo as formas predominantes a subclínica e assintomática, considerando-os propagadores do vírus (COSTA; GOLDENBERG, 2013).

Os infectados pelo vírus HIV podem permanecer assintomáticos por longos períodos (LEITE *et al.*, 2007), levando, em geral, aproximadamente, de 8 a 10 anos para que a AIDS se manifeste (CANO *et al.*, 2007). Estudos demonstram que a presença de outras DST's aumenta o risco de transmissão de HIV (FLORA; RODRIGUES; PAIVA, 2013). Desde o início da epidemia de AIDS no Brasil até junho de 2014, foram registrados no país 757.042 casos de AIDS (BRASIL, 2014), sendo registrados cerca de 80 mil casos de AIDS ao ano (GIR *et al.*, 1999).

O desconhecimento das formas de contágio bem como o descaso com os métodos preventivos e o início sexual precoce são importantes fatores que propiciam

alta vulnerabilidade dos jovens a problemas sexuais e reprodutivos (CIRINO; NICHATA; BORGES, 2010). Na adolescência, a falta de informação ou conceitos equivocados facilita a transmissão de doenças adquiridas através do contato sexual (PAIVA *et al.*, 2008). Tão importante quanto o uso de preservativo no início da vida sexual é a sua continuidade. Segundo Barbosa *et al.* (2006), embora 70% dos jovens relatem uso de preservativo na primeira relação sexual, este número cai para 46,1% quando correlacionada à prática sexual atual, caracterizando-os como população de risco.

Além do não uso de preservativo, o uso de drogas ilícitas, consumo excessivo de álcool, início precoce da vida sexual, variabilidade de parceiros sexuais, baixo desempenho escolar, histórico de abuso sexual, gênero, nível sócio econômico, nível de escolaridade, idade, idade e estado civil dos pais são as características dos jovens mais frequentemente associadas a comportamento sexual de risco (RIBEIRO; FERNANDES, 2009).

A estratégia principal para o controle da transmissão das DST's está na prevenção. Esta deve priorizar informações constantes para a população em geral, por meio de atividades educativas que envolvam tanto mudanças no comportamento das práticas sexuais quanto na adoção de medidas que enfatizem a utilização adequada do preservativo (LEITE *et al.*, 2007).

A preocupação diante da persistência de relevantes taxas de incidência de DST's, x (espaço em excesso) notoriamente o HPV, dentre os jovens, motivou a realização deste estudo, buscando avaliar, em um determinado grupo de estudantes universitários, o nível de conhecimento acerca do HPV, HIV, métodos de prevenção e diagnóstico das principais DST's e a identificação dos fatores e comportamentos sexuais de risco.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de um estudo transversal, realizado no período de julho a agosto de 2015, conduzido em centro universitário privado da cidade de Maringá-PR. Foi desenvolvido questionário fechado, de autopreenchimento, com base em estudos prévios consultados nas bases de dados PubMed e Scielo. O preenchimento foi voluntário e anônimo, após aceitação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O questionário envolveu quatro grupos de questões: A) Questões pessoais: sexo, idade e cor; B) Questões comportamentais gerais: hábitos, drogadição, álcool, tabagismo; C) Questões comportamentais sexuais: idade da primeira relação sexual, número de parceiros sexuais do último ano, motivos que levam ao uso ou não do preservativo, métodos anticoncepcionais que previnem as DST's. D) Questões de conhecimento teórico relativo às DST's: formas de contágio, sinais e sintomas, métodos diagnósticos.

No universo total de aproximadamente 17.000 estu-

dantes, foi selecionada uma amostra aleatória de 184 estudantes dos cursos de Direito e Medicina. Foram excluídos do estudo 29 estudantes, devido a questionários não respondidos ou incompletos, servindo para análise deste estudo, portanto, 159 questionários.

O projeto foi encaminhado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Maringá (UniCesumar), localizada na cidade de Maringá-PR, de acordo com a resolução nº. 196/96 do CNS, sob número no CAAE: 45945715.6.0000.5539.

Os dados foram quantificados e estudados por meio de análise estatística com software Microsoft Excel 2010 e expostos em formas de gráficos e tabelas confrontando-os com dados da literatura.

3. RESULTADOS

Participaram do estudo 159 estudantes universitários, sendo 82 do sexo feminino (51,6%) e 77 do sexo masculino (48,4%). Verificou-se que a maioria (57,9%) se apresentava entre 18 e 21 anos de idade (Tabela 1). Em relação ao estado civil, 86,2% declararam-se solteiros. Dentre os entrevistados, 78% estão matriculados no curso de Direito do primeiro ao quinto ano e 22% matriculados no primeiro ano do curso de Medicina. Verificou-se, ainda, que a maioria (76,1%) declarou-se de cor branca.

Em relação aos hábitos sociais, 8,8%; 53,5%; 3,8% do total de entrevistados afirmaram utilizar, respectivamente, fumo, álcool e drogas ilícitas.

Tabela 1: Características de questões pessoais da amostra

Variáveis [n=159]	N	%
Sexo		
Feminino	82	51,6
Masculino	77	48,4
Idade (anos)		
<18	1	0,6
18 -21	92	57,9
22 - 25	40	25,1
>25	26	16,4
Estado Civil		
Solteiro	137	86,2
Casado	21	13,2
Divorciado	1	0,6
Cor		
Branca	121	76,1
Amarelo	4	2,5
Negro/Pardo	34	21,4

Frequência descrita em percentuais (%).

Quanto ao perfil sexual (Tabela 2), 96,9% declararam-se heterossexuais. De todos os entrevistados, 80,4% afirmaram já ter praticado relações sexuais, sendo que, destes, 72,3% tiveram a primeira relação sexual entre 14 a 18 anos, a maioria (55,4%) de maneira inusitada. Quando questionados quanto ao número de parceiros no último ano, 83,1% afirmaram terem tido relações com 1 a 3 parceiros, e 4,1% afirmaram terem tido relações com 10 ou mais. Dos entrevistados, 65,5% afirmaram possuir

parceiro fixo. Ainda, 85,8% afirmaram ter realizado sexo oral e 31,8% sexo anal. Verificou-se que 10,1% dos entrevistados já praticaram sexo com profissionais do sexo. Com relação ao uso de preservativo, 77% afirmaram utilizar preservativo, sendo que, destes, 32,4% afirmam utilizar em todas as relações e 6,7% nunca utilizam. Porém, 85,8% afirmam que já tiveram relação sexual sem uso de preservativo.

Tabela 2: Características sexuais pessoais

Variáveis [n=159]	N	%
Já praticou relação sexual?		
Sim	148	80,4
Não	11	19,6
Idade da primeira relação		
<14	1	0,6
14 - 18	92	57,9
>18	40	25,1
Forma da primeira relação		
Planejada	66	44,6
Inusitada	82	55,4
Nº de parceiros por ano		
1 a 3	123	83,1
4 a 7	19	12,8
10 ou mais	6	4,0
Parceiro fixo		
Sim	97	65,5
Não	51	34,5
Sexo oral		
Sim	127	85,8
Não	21	14,2
Sexo anal		
Sim	46	31,7
Não	102	68,3
Sexo com profissionais do sexo		
Sim	15	10,1
Não	133	89,9

Frequência descrita em percentuais (%).

Com relação aos conhecimentos teóricos, 50,9% responderam corretamente ao selecionar apenas as opções preservativo masculino e feminino como métodos contraceptivos que previnem DST's. Questionados a respeito de conhecimento sobre DST's, 29% dos estudantes do curso de direito responderam de maneira correta que verrugas genitais são os principais sintomas do HPV, comparado à 68,5% do curso de medicina. Ainda com relação ao conhecimento sobre DST's, 64,5% dos estudantes do curso de direito responderam que o HPV corresponde à principal causa do câncer de colo de útero, comparado a 97,1% do curso de medicina. Das mulheres entrevistadas, 91,5% afirma não possuírem HPV, sendo que 51,2% nunca realizou exame de pesquisa de HPV (Papanicolaou). De todos os entrevistados, 96,7% afirmam não possuírem HIV, entretanto 63,5% nunca realizou exame de pesquisa de HIV.

4. DISCUSSÃO

Neste estudo notou-se, em relação ao sexo, leve predominância de mulheres (51,6%), indo ao encontro de outros estudos, demonstrando maior prevalência de mu-

lheres que estudam em curso superior. A idade prevalente foi entre 18 – 25 anos (83%), idade média esperada para universitários (GIR *et al.*, 1999; SILVA; DISCACIATI, 2013).

A idade de início da atividade sexual prevaleceu entre 14 – 18 anos (72,3%), semelhante ao estudo de Castro-Silva *et al.* (2012), com média prevalente entre 15 – 17 anos. Cerca de 44,6% dos entrevistados relataram ocorrência da primeira relação sexual de forma inesperada, tal como demonstrado na literatura (COSTA; GOLDENBERG, 2013), refletindo um momento de risco para esses adolescentes. Na amostra estudada, 80,4% dos estudantes já haviam tido relações sexuais, corroborando com o estudo de Barbosa *et al.* (2006), cujos resultados obtiveram média de 81% dos entrevistados. Destes, apenas pouco mais da metade (50,9%) responderam de forma correta que preservativo masculino e feminino previnem DST's, demonstrando que grande parte dos estudantes inicia a vida sexual sem o conhecimento pleno dos métodos preventivos.

Com relação ao uso do preservativo (Gráfico 1), 77% dos entrevistados declararam utilizá-lo, superando a encontrada por Cano *et al* (2007), o qual demonstrou o uso de preservativos entre 66% dos entrevistados, sugerindo maior popularização do uso de condom no decorrer da última década, dados evidenciados por trabalhos nacionais e internacionais (COSTA; GOLDENBERG, 2013). Em contrapartida, nota-se alta prevalência de uso irregular de preservativo, sendo que a maioria dos entrevistados declarou utilizar o preservativo apenas algumas vezes (Gráfico 2), e 85,8% já tiveram relação sem camisinha (Gráfico 3). Regionalmente, pode-se esperar variações quanto ao uso irregular. No estudo de Ribeiro e Fernandes (2009), menos da metade dos estudantes portugueses relataram já ter tido relação sexual sem uso de preservativo. Segundo Silveira, Ferraz e Conrado (2012), 25,6% dos entrevistados não usam preservativo, dados semelhantes ao estudo em questão, no qual 23% declaram não utilizá-lo.

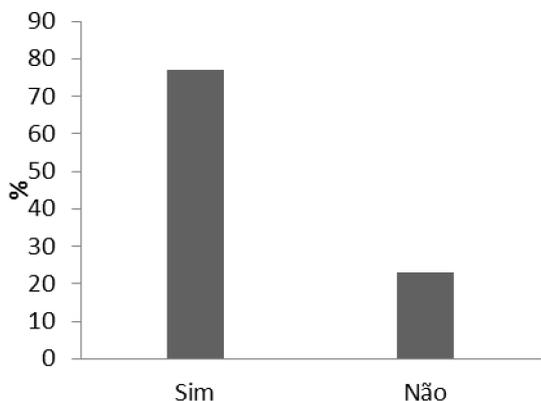


Figura 1. Usuário de preservativo.

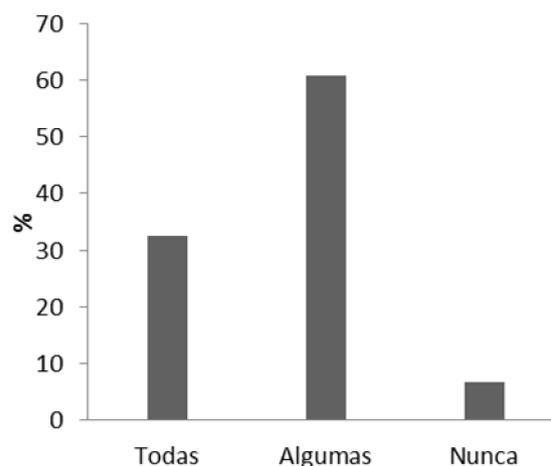


Figura 2. Frequência do uso de preservativo.

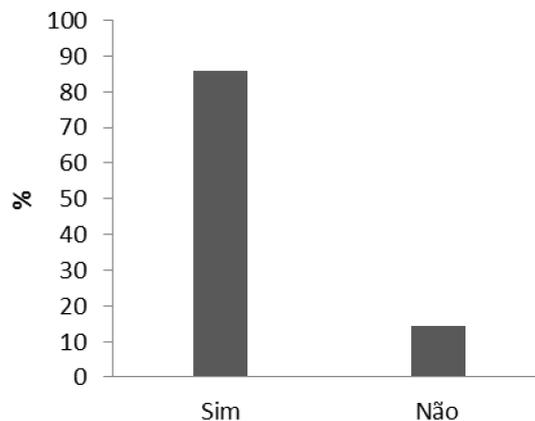


Figura 3. Relação sexual sem preservativo.

Ainda que Ribeiro e Fernandes (2009) apontem maior taxa de uso de condom entre as mulheres, com 35% dessas utilizando-o em todas as relações contra apenas 20% dos homens, no presente estudo não houve diferença significativa do uso de preservativo com relação ao gênero, sendo que 30,4% das mulheres afirmam utilizarem preservativos em todas as relações sexuais e 29,8% dos homens.

Com relação aos motivos do não uso do preservativo, a confiança no parceiro, a perda do prazer, além de “agradar parceiro” foram os principais apontados neste estudo, em concordância com a literatura (BARBOSA *et al.*, 2006). Neste contexto, vale ressaltar que talvez ainda mais importante que a mera disponibilização dos métodos de prevenção, seja a educação e conscientização do jovem acerca da real importância de uma atitude sexual que seja constantemente responsável.

Segundo Barbosa, Pinto e Paiva (2012), a principal época de transmissão do HPV ocorre no início da vida sexual de adolescentes e adultos, em torno dos 20 anos,

sendo diagnosticado mais comumente entre os 25 – 29 anos. Apesar de representarem a faixa etária mais acometida, os entrevistados demonstraram falta de conhecimento quanto às possíveis manifestações clínicas da doença, sendo que apenas 44,1% reconheceram a verruga genital como principal sinal da infecção pelo HPV. Em contrapartida, a maioria dos estudantes (79,7%), reconhece o HPV como fator de risco para o desenvolvimento do câncer do colo de útero, apontando que medidas educacionais básicas devem ser ampliadas no intuito de diagnóstico precoce, pois o reconhecimento da associação das verrugas genitais ao HPV é fundamental para a prevenção do próprio câncer cervical.

Das mulheres entrevistadas neste estudo com vida sexual ativa e idade entre 18 – 21 anos, 58,9% nunca realizaram exame de pesquisa para HPV. Estudo realizado com adolescentes do sexo feminino e idade entre 14 – 19 anos do município de São Paulo-SP, observou que 47,1% das jovens com vida sexual ativa nunca realizaram exame de pesquisa para HPV, demonstrando que adolescentes de 14 – 19 anos deste município aderem mais aos métodos de rastreio do HPV comparado à população de maior idade do presente estudo (CIRINO; NICHIAITA; BORGES, 2010).

Interessante dado analisado é que, apesar de 96,7% dos entrevistados afirmarem não possuir HIV, 63,5% nunca fizeram exame rastreador deste vírus. Dados semelhantes foram encontrados no estudo de Ribeiro e Fernandes (2009), no qual 64,5% dos entrevistados referem nunca ter feito qualquer teste diagnóstico de DST, incluído HIV.

5. CONCLUSÃO

Dentre os universitários entrevistados, constatou-se início sexual precoce, de maneira inusitada e sem prévio conhecimento adequado sobre DST's e métodos preventivos. Alta prevalência de uso irregular de preservativo, desconhecimento da apresentação clínica de uma das mais prevalentes DST's (HPV) e baixa aderência aos testes diagnósticos de HPV/HIV são dados preocupantes que apontam a necessidade de ações urgentes que mobilizem mudanças comportamentais incentivando o uso regular do preservativo, bem como a divulgação dos sinais e sintomas das principais DST's, principalmente entre os jovens.

REFERÊNCIAS

- [1]. BARBOSA, R.G. *et al.* Conhecimento sobre DST/AIDS, hepatites e conduta sexual de universitários de São José do Rio Preto, SP. *J bras Doenças Sex Transm*, Niterói, v. 18, n. 4, p. 224-230, out./dez. 2006.
- [2]. BARBOSA, V.F.C.; PINTO, V.F.C.; PAIVA, S.G. Infecção pelo Papilomavírus Humano (HPV) em mulheres com vírus da imunodeficiência adquirida (HIV): revisão não sistemática. In: CONGRESSO NORTE NORDESTE DE PESQUISA E INOVAÇÃO, 8., 2012. Palmas: IFAC, 2012.
- [3]. BORSATTO, A.Z.; VIDAL, M.L.B.; ROCHA, R.C.N.P. Vacina contra o HPV e a prevenção do câncer do colo do útero: subsídios para a prática. *Revista Brasileira de Cancerologia*, Rio de Janeiro, v. 57, n. 1, p. 67-74, jan./mar. 2011.
- [4]. BRASIL. Ministério da Saúde. Instituto Nacional do Câncer (Org.). Programa Nacional de Controle do Câncer do Colo do Útero e Programa Nacional de Controle do Câncer de Mama. Brasília, DF: MS, 2010. Disponível em: <http://www1.inca.gov.br/inca/Arquivos/PROGRAMA_UTERO_internet.PDF>. Acesso em: 21 jul. 2015.
- [5]. BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde (Org.). Boletim Epidemiológico - Aids e DST. Brasília, DF: MS, 2014. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br>>. Acesso em: 27 jul. 2015.
- [6]. CANO, M.A.T. *et al.* O conhecimento de jovens universitários sobre AIDS e sua prevenção. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, Goiânia, v. 9, n. 3, p. 748-758, set./dez. 2007.
- [7]. CASTRO-SILVA, I.I. *et al.* percepção de vulnerabilidade ao HPV e câncer de cabeça e pescoço: comportamentos sexuais e de risco em jovens de Niterói, RJ. *J bras Doenças Sex Transm*, Niterói, v. 24, n. 2, p. 85-92, abr./jun. 2012.
- [8]. CIRINO, F.M.S.B.; NICHIAITA, L.Y.I.; BORGES, A.L.V. Conhecimento, atitude e práticas na prevenção do câncer de colo uterino e HPV em adolescentes. *Esc Anna Nery Rev Enferm*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 126-134, jan./mar. 2010.
- [9]. COSTA, L.A.; GOLDENBERG, P. Papilomavírus Humano (HPV) entre jovens: um sinal de alerta. *Saúde Soc*. São Paulo, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 249-261, jan./mar. 2013.
- [10]. FLORA, M.C.; RODRIGUES, R.F.F.; PAIVA, H.M.C.G.C. Intervenções de educação sexual em adolescentes: uma revisão sistemática da literatura. *Revista de Enfermagem Referência*, Coimbra v. 3, n. 10, p. 125-134, jul. 2010.
- [11]. GIR, E. *et al.* Medidas preventivas contra a AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis conhecidas por universitários da área de saúde. *Rev. Latinoam. Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 7, n. 1, p. 11-17, jan. 1999.
- [12]. LEITE, M.T.F. *et al.* Saber e prática contraceptiva e prevenção de DST/HIV/AIDS em universitários da área da saúde. *Rev Bras Enferm*, Brasília, DF, v. 60, n. 4, p. 434-8, jul./ago. 2007.
- [13]. PAIVA, V. *et al.* Idade e uso de preservativo na iniciação sexual de adolescentes brasileiros. *Rev Saúde Pública*, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 45-53, jun. 2008.
- [14]. PANOBIANCO, M.S. *et al.* O conhecimento sobre o HPV entre adolescentes estudantes de graduação em enfermagem. *Texto Contexto Enferm*, Florianópolis, v. 22, n. 1, p. 201-7, jan./mar. 2013.
- [15]. PINHEIRO, M.M. *et al.* HPV e o desenvolvimento de neoplasias: uma revisão integrativa de literatura. *Rev. Ciênc. Saúde*, São Luis, v. 15, n. 1, p. 19-27, jan./jun. 2013.
- [16]. RIBEIRO, M.I.B.; FERNANDES, A.J.G. Comportamentos Sexuais de Risco em Estudantes do Ensino Superior

- Público da Cidade de Bragança. *Psicologia, Saúde & Doenças*, Lisboa, v. 10, n. 1, p. 99-113, jul. 2009.
- [17]. SILVA, I.T.C.; DISCACCIATI, M.G. Conhecimento dos estudantes universitários sobre o câncer do colo do útero e infecção pelo papillomavírus humano. *J Health Sci Inst*, São Paulo, v. 31, n. 4, p. 351-354, out./dez. 2013.
- [18]. SILVEIRA, G.A.; FERRAZ, B.G.; CONRADO, G.A.M. Conhecimento dos universitários sobre HPV e câncer de colo uterino em uma Faculdade privada localizada no sertão de Pernambuco. *Saúde Coletiva em Debate*, Serra Talhada, v. 2, n .1, p. 87-95, dez. 2012.
- [19]. SOUZA, M.M. *et al.* Programa educativo sobre sexualidade e DST: relato de experiência com grupo de adolescentes. *Rev Bras Enferm*, Brasília, DF, v. 60, n. 16, p. 102-105, jan./fev. 2007.